

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 18– junho, 2015

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS & FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ierecê Barbosa¹

Quando termina o semestre e os alunos se despedem, fazendo uma fila para um abraço afetuoso e ainda perguntam: a senhora vai ficar com a nossa turma no próximo período? Ou dizem brincando: “quando eu crescer quero ser igual a senhora”, é sinal de que algo de bom ficou. Não me refiro ao conteúdo, pois nós, professores, não somos mais os detentores do conhecimento, disponíveis em diversas fontes de informação, evoluímos para mentores da aprendizagem, orientando os alunos em diversos campos do saber, principalmente na busca da autonomia de ser. Reporto-me aos aspectos não cognitivos, pouco explorados pelas pesquisas acadêmicas e que fazem toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem, ou seja: às habilidades socioemocionais, que não devem faltar no perfil do professor contemporâneo.

Dias atrás, comentávamos sobre tais habilidades na sala dos professores, e uma colega, dona de uma escola de Educação Infantil, me perguntou:

-Como identificar um professor com habilidades socioemocionais?

– Pelas características da personalidade. –Respondi.

- Explique aí, professora. Estou precisando de professores assim.

Falei para ela, dada a falta de tempo, que faria uma crônica e estou cumprindo com a promessa. Então vamos lá:

Um professor com habilidades socioemocionais é aberto ao novo, tem sede de conhecimento e não para de estudar, pois sabe que nunca estará pronto. Portanto, não é adepto do conhecimento fossilizado;

Possui consciência no que tange a aprendizagem dos seus alunos, isto é, cultiva a autonomia, controla a impulsividade, sabe que cada aluno é impar e aprende de um modo específico, fazendo uso de um tipo de inteligência, já que são múltiplas. Portanto, o método adotado por ele pode dar certo para uns e ser nulo para outros;

É extrovertido, alegre, acolhedor, sociável, seguro do seu saber e não tem receio de errar, sabe que o erro é uma tentativa de acerto e repassa isso para os alunos. Não é irônico, mas fala aos alunos aquilo que merecem ouvir, pois críticas construtivas quebram com as nossas certezas e nos conduzem a novos caminhos.

É colaborativo, atua em grupo e leva seus alunos a cooperarem entre si, orientando-os em tarefas que levem à interação e ao compartilhamento de informações, pois a troca de experiências é um dos exercícios intelectuais dos mais salutares;

Tem estabilidade emocional, não se estressa à toa, pois tem afinidade com a sua profissão e sabe que no terreno da docência nem tudo são flores, mas quando elas surgem

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 18– junho, 2015

sinalizam que fizemos bem a nossa parte. Às vezes, o florescer não é imediato, mas chega. Cada aluno tem o seu tempo, a sua forma de aprender e não podemos comparar seres diferentes. Afinal, nada mais desigual do que o tratamento igual a seres desiguais. Até no direito se diz que “se deve tratar os desiguais na medida das suas desigualdades”. O autocontrole frente a turmas heterogêneas faz parte das habilidades socioemocionais.

Preocupa-se com a comunicação, verificando sempre se ela está adequada ao nível de cada turma. Muitas vezes, o professor dá um show de aula expositiva na base do beletrismo. Em verdade, ele quer mostrar erudição, se afirmar perante os alunos e não comunica nada. No processo de comunicação o elemento mais importante não é a fonte, nem a mensagem e nem o canal, é o receptor. É para ele que falamos, se ele não decodificar a mensagem não houve comunicação, sem ela não há aprendizagem. Incluo aqui a proeminência prosódica, isto é a ênfase, o tom das nossas palavras. Na devolutiva das avaliações muitos professores são irônicos ao enfatizarem as notas e não discutem as imprecisões para evitar que elas não se repitam no futuro. A falta do *feedback*, mesmo que doa um pouco, leva o aluno a desistir, pois ele não sabe quais dificuldades devem ser trabalhadas.

O professor do século 21 tem que ter em mente que não basta repassar bem o conteúdo como cumprimento de sua missão contratual, é necessário que ele oriente seus alunos a desenvolverem competências para utilizar o conhecimento como estratégia de vida e de empregabilidade, daí a importância da contextualização.

Não se concebe, hoje, um docente sem o mínimo de conhecimento sobre fundamentos neurobiológicos e aprendizagem. Aliás, deveria ser incluída uma disciplina nos cursos de licenciatura que aprofundasse e discutisse como se processa o aprender, pois o uso das metodologias ativas sem o conhecimento triangulado da Neurociência, Psicologia e Educação acaba caindo na instrumentalização, de pouca relevância numa sociedade em mudança acelerada, carente do pensar reflexivo.

Outra questão equivocada é considerar o uso da tecnologia como protagonista do processo ensino-aprendizagem. A tecnologia é apenas coadjuvante, Não há milagre tecnológico quando o professor não é preparado em sua estrutura bio-psico-social-intelectual-espiritual; não está afinizado com as diversas técnicas de ensino; não entende como o cérebro aprende e os alunos não manifestam o desejo pela aprendizagem. O sucesso na docência não é pontual, ele advém de um conjunto de habilidades cognitivas e não cognitivas, de múltiplos procedimentos didáticos e pedagógicos e da motivação do aprendente.

Penso que uma grande mexida é verificar as necessidades formativas dos professores e investir na formação continuada. Penso que mudar o foco conteudista, há muito impregnado nas políticas educacionais, pode acender a motivação nos alunos. Não é meu objetivo profetizar, mas o professor “aulista” está fadado a desaparecer, ele não inova e não cria, só reproduz o que os outros produziram. Ou desaparece ou acaba com as turmas. Em seu lugar surge o professor com amplas habilidades socioemocionais e especialista em determinada área do saber, mas que interage com as demais, pois o ensino compartimentado dificulta o pensamento complexo: uma exigência da pós-modernidade.

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 18– junho, 2015

Professores com esse perfil fazem não só os alunos sonharem, mas também os convidam a descerem mais cedo dos ombros de gigantes, pois logo depois eles abandonam os excessos de citações e de conteúdos já produzidos e se mostram como construtores do conhecimento. Utopia? Não! Pura realidade, em ilhas de excelência.